

Acompanhamento de adolescentes e jovens: Reflexões, desafios e pistas

*Eder D'Artagnan Ferreira Guimarães**

RESUMO

Acompanhar adolescentes e jovens é, fundamentalmente, acompanhar processos de subjetivação em uma etapa vital do desenvolvimento humano. O indivíduo torna-se sujeito a partir dos processos de socialização – a internalização das normas, regras e comportamentos sociais – e da sociabilidade – a convivência com outros sujeitos. No contexto contemporâneo, a falta de referenciais definidos para estes processos deixa a cargo dos indivíduos a autopoiese, a construção de si, e os adolescentes e jovens tendem a trilhar seu percurso subjetivo na busca de experimentações e formas de inserção social. O acompanhamento parte de um exercício de escuta dialógica com recortes do Processo de Educação na Fé, Discernimento vocacional, Projeto de Vida e processos grupais, entre outros. Para que o acompanhamento alcance seu propósito, os acompanhadores devem compreender seu papel na relação com os acompanhados, buscar desenvolver habilidades específicas e utilizar recursos pedagógicos e instrumentos adequados em vista de favorecer a autonomia e interdependência dos sujeitos jovens.

Palavras-chave: Subjetivação juvenil. Adolescentes e jovens. Acompanhamento.

Introdução

O acompanhamento é uma tarefa que perpassa todo processo humano. O acompanhamento pedagógico ajudar a superar dificuldades de aprendizagem; a orientação de artigo, monografia, dissertação, tese, qualifica a produção acadêmica; o médico cuida de melhorar as condições de saúde; o educador físico ajuda na perda de peso, melhoria do índice de massa corporal e desempenho em competições esportivas; a terapia contribui no desenvolvimento psicoafetivo; a direção de atores ou músicos aprimora os talentos artísticos e as performances individual e grupal; o guia traz informações variadas sobre lugares turísticos.

Cada exemplo sinaliza diferentes finalidades, tempos de duração, relações entre acompanhador e acompanhado, instrumentos mais adequados. O que determina o foco e a dinâmica do acompanhamento são os interlocutores – estudantes, pacientes, atletas, artistas, turistas... – e a intencionalidade do acompanhamento.

* Doutor em Ciências da Educação pela Universidad Nacional de Rosario, Argentina; leigo marista. Contato: ederdarta@gmail.com

No caso de adolescentes e jovens, acompanhamos pedagogicamente os processos de subjetivação juvenil, o sujeito jovem tal como se percebe agora e no desenho de seus caminhos futuros. Este é o conteúdo fundamental do acompanhamento, com recortes de foco no Processo de Educação na Fé, Discernimento vocacional, Projeto de vida ou Processos grupais.

1. Processos de subjetivação no contexto contemporâneo

Tornar-se sujeito na contemporaneidade, marcada pela diversidade social, cultural e identitária, é uma tarefa desafiadora, devido ao amplo leque de possibilidades subjetivas, ao questionamento dos padrões comportamentais e valores tradicionais e à perda de referências institucionais para a construção identitária. Isso não é necessariamente negativo, mas, como constata Pavloski (2012, p. 13):

Em meio ao turbilhão de rupturas e transformações que definiram a modernidade, a dissolução da suposta integridade que caracterizou o conceito tradicional de identidade é, de forma insuspeita, um dos signos indelévels do período. Tanto na esfera pública quanto privada, as transfigurações dos paradigmas identitários substituíram a unicidade pela multiplicidade e a solidez pela desconstrução.

Em outras palavras, não há padrões para tornar-se sujeito na pós-modernidade, que traz em si, segundo Bauman (1998, p. 27), um mal-estar inerente à própria diversidade subjetiva que a caracteriza: “Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável.” Nesta perspectiva, as pessoas estranhas “não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos três” e, conseqüentemente, “geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido”.

Em certo sentido, os adolescentes e jovens tendem a ser os principais portadores desta estranheza social, pois seus processos de subjetivação antecipam valores, circunstâncias e formas de ser desviantes dos referenciais normativos adultos. O mal-estar desvela um conflito dialético entre a estabilidade que caracterizou a história ocidental e a rapidez das mudanças ocorridas nas últimas décadas. Entre o final do século XVIII e meados do XX, a “sociedade disciplinar” (Foucault) ancorava sua formação histórica no capitalismo industrial e os sujeitos se constituíam repetindo os referenciais definidos pelas gerações anteriores.

A geração nascida após a Segunda Guerra Mundial, os chamados *baby boomers*, rompem com a repetição dos padrões de subjetivação e demarcam diferenças geracionais na forma de ser e viver: música, comportamento, vestuário, linguagem e outros elementos

assinalam a distinção entre jovens e adultos. A partir daí, os jovens se tornam um grupo social específico, plural e diverso, e começa a se delinear outro tipo de organização da sociedade, acelerada nas últimas décadas pelo advento da internet, do universo virtual e das redes sociais.

Este “turbulento processo de transformações”, na expressão da antropóloga argentina Paula Sibilia (2008, p. 15), traz “indícios de que estamos vivenciando uma época limítrofe, um corte na história; uma passagem de certo ‘regime de poder’ para um outro projeto político, sociocultural e econômico”. Consequentemente, “transformam-se também os tipos de corpos que são produzidos no dia a dia, bem como as formas de ser e estar no mundo que são ‘compatíveis’ com cada um desses universos”.

Tais transformações são mais perceptíveis entre os sujeitos jovens, pois corporeidade e identidade de gênero são estruturantes no processo de subjetivação. Adolescentes e jovens costumam explorar possibilidades afetivo-sexuais de forma mais fluida, com limites e fronteiras pouco definidas, favorecidas também pelas interações no mundo virtual. As gerações anteriores se formavam com referenciais rígidos de masculinidade e feminilidade, com os respectivos papéis sociais, enquanto a atual transita entre uns e outros. Essa fluidez desconcerta a maioria dos adultos, mas deve ser acolhida como parte dos processos contemporâneos de subjetivação juvenil.

A esse respeito, Sibilia (2008, p. 15) levanta questões pertinentes:

Mas o que são exatamente as subjetividades? Como e por que alguém se torna o que é, aqui e agora? O que nos constitui como sujeitos históricos, indivíduos singulares, embora também inevitáveis representantes de nossa época, partilhando um universo e certas características idiossincráticas com nossos contemporâneos?

Estas questões apontam para os processos de subjetivação, que ganham nova dinâmica com a puberdade e o subsequente desenvolvimento biofisiológico, psicológico, intelectual e social próprio da adolescência. Como assinala Rascovan (2016, p. 241-242), “o percurso subjetivo é marcado por circuitos institucionais. A família e a escola são as instituições nas quais se produzem as primeiras experiências vitais e constituem o ponto de partida dos itinerários posteriores, com seus trajetos, pontos, cortes, articulações e fraturas”. Nesse sentido, família e escola seguem sendo referências na construção identitária dos sujeitos jovens, mas em perspectiva diferente de outras gerações, devido à desinstitucionalização do social identificada por Dubet e Martuccelli (2000): “escola, família e religião deixam de ser instituições que ‘fabricam’ indivíduos a partir da transformação de valores em normas e de normas em personalidades individuais”; desta forma, “uma parte importante do processo de subjetivação passa a ser considerada tarefa ou ação do próprio sujeito sobre si mesmo”.

Para Pais (2003), esta desinstitucionalização ocorre “não porque as instituições estejam em declínio ou em vias de extinção, mas pelo fato de serem vias de mudança social”. Ou seja, as instituições acompanham as transformações sociais e estas transformam seu papel como agências de subjetivação. Logo, os valores e normas que as instituições costumavam transmitir

aparecem como coproduções sociais, conjuntos compostos por metas múltiplas e frequentemente contraditórias, coproduções nas quais os hábitos, os interesses diversos, instrumentais e emocionais, as políticas jurídicas e sociais desembocam em equilíbrios e formas mais ou menos estáveis no seio dos quais os indivíduos constroem suas experiências e se constroem como atores e como sujeitos. (DUBET; MARTUCCELLI, 2000, p. 201)

Assim, a construção das subjetividades contemporâneas deixa de basear-se na repetição dos padrões, referências e normativas institucionais, como ocorria em gerações anteriores, para tornar-se tarefa do próprio sujeito, a partir de buscas, experimentações e idiosincrasias. A relação entre indivíduo e instituição social se percebe de forma mais evidente entre os adolescentes e jovens: questionando valores, normas e regras de comportamento social, põem em xeque a autoridade estabelecida e reivindicam o direito de destoar dos padrões, tomando nas mãos a autopoiese, a construção de si. Esta é uma chave para compreender o trajeto subjetivo das juventudes.

2. Tornando-se sujeito adolescente/jovem

Bauman (2005, p. 35) observa que, no mundo contemporâneo, “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”. Na perspectiva de Weiss (2012, p. 141), as identidades juvenis “se constroem em um duplo processo de socialização (interiorização de normas e valores) e de subjetivação (emancipação e elaboração de normas e valores próprios), sobretudo na convivência com os outros (sociabilidade)”.

Enquanto as gerações anteriores apreendiam estes referenciais de forma mais rígida e padronizada – as subjetividades desviantes da normativa eram sistematicamente reprimidas –, os adolescentes e jovens hoje tendem a ampliar seus espaços socializadores, especialmente nos circuitos juvenis, espaços onde transitam e convivem sem a presença dos adultos. Para Reis e Dayrell (2020), precisamos ampliar o olhar para a multiplicidade destes espaços, nos quais aparece também a singularidade das trajetórias individuais. Isso porque “os espaços de socialização não apenas reproduzem os padrões normativos e a ordem social, ao contrário, possibilitam certa autonomia individual que viabiliza transformações e outras construções das

relações humanas” (idem, p. 6). Assim, os sujeitos jovens tanto questionam os universos de que participam, quanto apreendem, transgridem e ressignificam as normas aí estabelecidas.

Nesse sentido, Weiss (2012, p. 141) observa que “o processo de socialização e de subjetivação é um processo nunca acabado, mas são os jovens que o vivem com maior intensidade”. Segundo o autor, os jovens exploram continuamente diferentes âmbitos da vida e maneiras de interagir e constroem sua identidade por meio da identificação com a prática social e com a ação vivida nos diversos mundos figurados, como família, escola, trabalho, ambiente religioso e outros.

Portanto, a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside “dentro” de cada um de nós, ao contrário: “é necessariamente *embodied*, encarnada em um corpo”, e também “sempre *embedded*, embebida em uma cultura intersubjetiva” (SIBILIA, 2008, p. 16). O processo de subjetivação tem lugar dentro de uma determinada cultura que modela padrões, normas e regras de sociabilidade e socialização. A partir daí, os adolescentes e jovens buscam experimentações e formas de inserção social que os ajudam a construir sua identidade pessoal, familiar, social, afetivo-sexual, de gênero, étnica, religiosa.

Partindo de uma visão holística, este processo inclui três dimensões antropológicas que coexistem no ser humano e se interpenetram, formando um todo orgânico. A primeira é a *exterioridade*, a parte visível de si que cada indivíduo revela no conjunto de suas relações com o universo, com o mundo, com a natureza, com a sociedade, com os outros e com sua própria realidade. A identidade do sujeito comporta influências de elementos regionais, cultura, costumes, energias trocadas, ambientes, pessoas com quem convive, o ar que respira, o alimento que consome, o estilo de vida que adota, as mensagens transmitidas pela parte visível de si, chamada *corpo*. Adolescentes e jovens, de forma especial, comunicam-se assertivamente por meio da corporeidade, das roupas, cabelos, linguagens, expressões, gírias, costumes, músicas, relações, comportamentos, espaços e ambientes pelos quais transitam.

A segunda dimensão é a *interioridade*, o universo interior, tão complexo quanto o universo exterior. A interioridade humana se constela ao redor do consciente e do inconsciente pessoal e coletivo, habitada por instintos, paixões, imagens poderosas, arquétipos ancestrais e, principalmente, pela estrutura do desejo. O interior ressoa a realidade exterior, produzindo ideias, imagens, evocações e interpelações processadas por meio da razão, dos afetos, do cuidado, do sentido de coletividade e do sentimento de pertença. A interioridade é chamada

também de *mente humana* e os sujeitos juvenis a expressam em mensagens verbais, visuais, comportamentais e simbólicas, nas diferentes interações intersubjetivas e com espaços sociais.

Por fim, o ser humano é também *profundidade*, a capacidade de apreender os sentidos para além das aparências, do que percebemos na exterioridade e na interioridade. É no mais profundo de nós que se colocam as questões existenciais: De onde viemos, para onde vamos, como devemos viver? Como nos situamos no mundo? Como nos relacionamos com o Transcendente? Habitam esta dimensão os sentidos profundos, a sensibilidade estética e artística, os símbolos, as metáforas e a mística. É o lugar das experiências fundantes e dos significados, da vocação e dos propósitos, da autopercepção e da alteridade. A profundidade é a dimensão do *espírito*, que perpassa e integra as outras dimensões e se revela nas motivações, buscas, experiências e significados dos sujeitos.

A descrição de cada dimensão visa à melhor compreensão do conjunto, mas não constituem uma fragmentação: elas se inter-relacionam, se interpenetram e se integram na totalidade do ser humano. Compreendê-las de forma holística ajuda-nos a sair da subjetividade fechada, na qual o ser humano coisifica e instrumentaliza suas relações com os outros, o meio ambiente, a sociedade, Deus, e caminhar na construção de subjetividades abertas, que acolhem a alteridade, a diversidade cultural, o bem coletivo, a justiça social e a integração ecológica, desenvolvendo relações fundamentadas no cuidado e na reciprocidade.

É esta a intencionalidade primordial do acompanhamento de adolescentes e jovens. Em torno dela podemos fazer recortes de foco, como o Processo de Educação na Fé, o conjunto de passos que levam ao seguimento de Jesus; o discernimento vocacional, para descobrir a vocação e o propósito de vida; o Projeto de Vida, situado num determinado momento da trajetória vital; e os processos grupais, referentes a vivências coletivas, dinâmicas relacionais, pertença grupal e atuação social.

3. Refletindo sobre acompanhamento e acompanhadores

Como vimos, o conteúdo principal do acompanhamento são os processos de subjetivação juvenil. O foco, instrumentos, dinâmica, tempos e cuidados dependem da modalidade do acompanhamento: Processo de Educação na Fé, Discernimento vocacional, Projeto de Vida ou processos grupais demandam estratégias e recursos diferenciados. Aqui

trazemos algumas observações gerais, como contribuição para os acompanhadores em sua tarefa.

Primeiramente, diferenciamos o que é e o que não é acompanhamento:

- *Não é uma sessão de terapia*, embora seja terapêutico lidar com questões humanas, feridas, autopercepção, autoestima, história de vida. O acompanhamento *é uma relação dialógica com o adolescente/jovem* para ajudá-lo a ler e interpretar sua própria vida, os rumos desejados e, se inclui a dimensão religiosa, a passagem de Deus na sua trajetória.
- *Não é um encontro de amigos* que se reúnem pelo prazer de estar juntos, partilhar a vida, divertir, cultivar os laços afetivos. *Acompanhador e acompanhado desempenham papéis diferentes na relação*, e é importante cuidar para não perder o foco. Supomos que quem acompanha está vivendo uma etapa de vida diferente daquela do adolescente/jovem que é acompanhado.
- *Não é carregar o destino do acompanhado nem tomar decisões por ele*, mas sair do paternalismo/maternalismo e *favorecer a autonomia e a responsabilidade* pelas decisões tomadas. O acompanhado é o protagonista do processo; cabe ao acompanhador ajudar na interpretação dos acontecimentos e possibilidades que se apresentam.
- *Não é agradar o acompanhado*, dizer somente o que ele espera ouvir ou que lhe fará bem. *Quem acompanha deve ser verdadeiro e sincero nas percepções* – cuidando, obviamente, da forma de dizê-las –, para não infantilizar o adolescente/jovem e dar ao processo a profundidade necessária para favorecer o crescimento.
- *Não é ter resposta para tudo nem querer estar sempre certo, pois o acompanhamento supõe aprendizagem recíproca*. Por isso, é comum haver dúvidas de ambas as partes, demanda de mais tempo para processar as coisas, demora em fazer conexões. Quem acompanha também aprende de si com a pessoa acompanhada, então vale cuidar de eventuais projeções e confusão de papéis.
- *Não é um processo ad eternum: precisa ter começo, meio e fim*. O acompanhamento não termina quando acompanhador e acompanhado se deparam com resistências, dificuldades e questões difíceis, mas quando o propósito foi alcançado. Ambos devem estar de acordo sobre a hora certa para finalizar o processo.

4. Habilidades necessárias ao acompanhador

Estas pontuações indicam algumas habilidades necessárias para quem acompanha sujeitos e processos. Acompanhar é, primeiramente, escutar. Nas palavras do Cardeal José Tolentino Mendonça (2016, p. 107), “a escuta talvez seja o sentido de verificação mais adequado para acolher a complexidade do que a vida é”. Afinal, “a escuta não é apenas a recolha do discurso sonoro. Antes de tudo, é atitude, é inclinar-se para o outro, é disponibilidade para acolher o dito e o não dito, o entusiasmo da história ou o seu avesso, a sua dor”.

Aqui não pretendemos definir um perfil de acompanhador, já que cada pessoa acompanha a partir de suas experiências e circunstâncias, mas apresentar pistas para facilitar o processo. É importante percebermos quais habilidades temos mais desenvolvidas e quais podemos melhorar, pois o acompanhamento também supõe aprendizado contínuo.

- *Escutar com o ouvido e o coração.* Escutar não é um ato mecânico, mas um exercício de acolhida ao outro, com suas dúvidas, questões, sonhos, projetos... Com atenção e sensibilidade, podemos escutar o que não é dito verbalmente ou silenciado por alguma razão.
- *Entrar no mundo do outro, desentranhando suas riquezas.* Ajudar o adolescente/jovem a se ver de forma mais afetiva, positiva e generosa é um cuidado necessário ao seu crescimento. O acompanhamento favorece também a autopercepção.
- *Conter e acolher o conteúdo emocional que o acompanhado traz.* Muitos adolescentes e jovens são passionais ao interpretar o que lhes acontece, então ajudá-los a se analisarem de forma mais racional e realista favorece o amadurecimento e o avanço nos processos vitais.
- *Saber ler e interpretar o tempo do outro.* É comum que o acompanhador tenha visão mais ampla sobre o acompanhado e suas questões, mas é diferente quando este desenvolve a autopercepção e faz as conexões necessárias a partir das pontuações de quem o acompanha.
- *Ser paciente e saber esperar.* Adolescentes e jovens têm seu próprio tempo e demandam paciência, especialmente aqueles com histórico de vida mais complicado. Não é tão simples ter segurança para fazer opções e ser coerente com elas. Cabe ao acompanhador problematizar questões recorrentes para ajudar o acompanhado a elaborar o vivido, dar passos e descobrir possibilidades.

- *Crer nas próprias intenções – e duvidar delas.* Estamos em uma relação afetiva, que pode conter projeções e transferências, além de trazer à tona nossas próprias questões. Daí a atenção necessária ao risco de nos fecharmos em nossas certezas e perdermos de vista que o foco do acompanhamento é o adolescente/jovem.
- *Reconhecer as próprias limitações e buscar ajuda.* É natural termos mais facilidade em lidar com algumas questões do que com outras. Assim, partilhar os avanços, dúvidas e questões diversas com outros acompanhadores de adolescentes e jovens nos ajuda a perceber nossas limitações e superá-las. Se algumas questões dos acompanhados envolvem saúde mental, é necessário contar com terapeutas e outros profissionais da saúde.
- *Identificar as imagens de Deus que o acompanhado carrega consigo.* Muitas pessoas internalizaram uma imagem negativa de Deus, punitivo, justiceiro, opressor, e não têm consciência do quanto isso influencia sua forma de ser e viver. A experiência do Deus Amor Pai/Mãe muda essas percepções, a maneira de viver a fé e o seguimento de Jesus e a dinâmica das relações fundamentais.
- *Dar atenção às questões afetivo-sexuais.* A corporeidade é dimensão fundamental no processo de subjetivação do adolescente/jovem. A autoimagem passa pela relação com o corpo, desejo, prazer, relacionamentos, experimentações. É importante evitar moralismos e julgamentos para criar uma relação mais aberta e acolhedora, deixando o acompanhado à vontade para partilhar estas questões.
- *Ter visão do processo vital do acompanhado.* É importante não reduzir a vida do acompanhado às dúvidas e limitações do hoje, mas conectar o momento presente com a trajetória de vida do adolescente/jovem. Ajudá-lo a fazer conexões é base para que desenvolva um olhar mais atento sobre si mesmo, sua história, seu contexto e suas perspectivas.

5. Ferramentas úteis no acompanhamento

Acompanhar demanda tempo, disponibilidade e aprendizado. Por isso, alguns instrumentos e ferramentas podem ser úteis no processo:

- *Redes sociais.* As postagens, interações, curtidas e retweets no Facebook, X(Twitter), WhatsApp, YouTube, Instagram, TikTok e outras desvela o mundo psíquico do acompanhado, conforme a dinâmica de cada rede. Acompanhar a presença regular,

as ausências súbitas, os temas e pessoas de interesse, as interações e os exageros ajuda a conhecer mais o sujeito que se mostra no universo virtual, trazendo informações que muitas vezes passam despercebidas nos contatos presenciais.

- *Entrevista.* É mais utilizada no acompanhamento vocacional, mas é útil para as outras modalidades. Definir previamente os temas e perguntas ajuda-nos a não esquecer questões importantes, fazer conexões com conversas anteriores e aportar racionalidade na percepção dos processos. Merece cuidado especial a forma de perguntar, para não parecer invasivo ou desrespeitoso nem criar resistências.
- *Fichas de acompanhamento.* O hábito de registrar momentos importantes ajuda tanto acompanhador quanto acompanhado a terem visão ampla do processo. O acompanhador pode oferecer fichas temáticas – família, amigos, namoros, lazer, estudo, trabalho, pastoral, comunidade – com textos inspiradores para favorecer a reflexão do adolescente/jovem e facilitar a partilha, no momento adequado. E também utilizar fichas confidenciais para registrar questões importantes, cuidando de codificar o nome do acompanhado e outras pessoas envolvidas, para evitar o risco de exposição indevida.
- *Conversa informal.* Se a entrevista é mais formal e padronizada, as conversas sobre diferentes temas criam um clima mais livre que ajuda a pessoa a expressar ideias, pensamentos, valores, preferências e, assim, revelar outras facetas. Estes momentos trazem aportes importantes para o acompanhamento e possibilitam conexões com outros temas e situações vivenciadas.
- *Convivência em espaços diversos.* Tendemos a seguir padrões de comportamento de acordo com o espaço onde estamos, então conviver em ambientes variados, fora dos momentos formais do acompanhamento, favorece o conhecimento recíproco e a construção de laços afetivos e de confiança. Para quem acompanha, observar o adolescente/jovem interagindo em atividades diversas revela nuances da personalidade que nem sempre aparecem nos momentos formais.
- *Projeto de Vida.* A intenção do acompanhamento é ajudar o adolescente/jovem a definir o que quer fazer da vida, naquele momento determinado. A elaboração do Projeto de Vida ajuda no exercício de autoconhecimento e na definição de opções fundamentais, que então serão tema do acompanhamento. Não é necessário estruturar o PdV a partir de um processo sistemático, mas contar com este instrumento favorece o foco e a dinâmica do próprio acompanhamento.

Conclusão

Tornar-se sujeito adolescente/jovem é sempre um processo desafiador, pois cada geração traz nuances, limites, possibilidades e perspectivas. O contexto contemporâneo confere níveis adicionais de complexidade ao processo: o leque de possibilidades subjetivas é maior e envolve recursos midiáticos, tendências comportamentais e dinâmicas relacionais pouco familiares aos adultos. A falta de referenciais coloca nas mãos dos sujeitos jovens sua autopoiese; como consequência, se alarga o tempo da maturidade afetiva, das escolhas de rumos futuros e da responsabilidade sobre a própria vida. As identidades, capturadas em seu livre voo (Bauman), tomam direções variadas, e os adolescentes e jovens buscam encontrá-las nas experimentações, vivências e referenciais construídos entre pares e com adultos.

Acompanhar estes sujeitos em construção demanda um exercício de escuta dialógica sobre percepções e vivências que nem sempre fazem sentido para o adulto. Por isso precisamos cultivar atitudes de abertura às novidades, de acolhida à pessoa em sua totalidade e o direito de não saber tudo: também estamos nos construindo. Assim, considerar a constituição subjetiva a partir dos recortes de Processo de Educação na Fé, Discernimento vocacional, Projeto de Vida e Processos grupais qualifica nosso acompanhamento aos adolescentes e jovens; estes recortes os ajudam a elaborar suas buscas, intuições, perspectivas, sonhos. Sendo uma relação dialógica, o próprio sujeito jovem fornece pistas para desempenharmos nosso papel no acompanhamento.

Por fim, acompanhar é dom e missão, um serviço fundamental prestado aos adolescentes e jovens conforme seus tempos, vivências, buscas, projeções. É possível até que o resultado final não seja exatamente o esperado, e isso não é demérito para o acompanhador, ao contrário: se o sujeito jovem atingiu um nível de autonomia que confere sentido à sua vida, suas histórias e perspectivas de futuro, o processo alcançou seu propósito. Formar pessoas mais inteiras e integradas, abertas à alteridade e aptas a conviver com as diferenças, sujeitos que se compreendem a partir da intersubjetividade, é o horizonte do acompanhamento aos adolescentes e jovens.

Referências

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. In: Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, v. XXI, p. 121-139, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade: dimensão esquecida mas necessária. In: Vida Pastoral. Fascínio do Sagrado (I). São Paulo, Ano XLI, n. 212, maio/jun., p. 23-25, 2000.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A JUVENTUDE. Evangelização juvenil: Desafios e perspectivas. Brasília: Edições CNBB, 2022.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade. Belo Horizonte, n. 28(100), p. 1105-1128, 2007.

DICK, Hilário; TEIXEIRA, Carmen Lúcia; LEVY, Salvador Segura. Acompanhamento. Mística do/a acólito/a da juventude. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude – CCJ, 2008.

DUBET, François. El declive y las mutaciones de la institución. Revista de Antropología Social, Madrid, v. 16, p. 39-66, 2007.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. En la escuela: Sociología de la experiencia escolar. Buenos Aires: Losada, 2000.

GARCIA RUBIO, Alfonso. Evangelização e maturidade afetiva. São Paulo: Paulinas, 2006.

MANENTI, Alessandro. Compreender e acompanhar a pessoa humana. Manual teórico e prático para o formador psicoespiritual. São Paulo: Paulinas, 2021.

MENDONÇA, José Tolentino. A mística do instante. O tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.

MIRANDA, Tomás Rodrigues. A direção espiritual. Pastoral do acompanhamento espiritual. São Paulo: Paulus, 2009.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação. Uma entrevista com José Machado Pais. Educar em Revista, Curitiba, v. 64, p. 301-313, 2017.

PAVLOSKI, Evanir. Identidades instáveis: Os fragmentos do sujeito moderno. In: SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira; HARMUCH, Rosana Apolonia (Orgs.). Identidade e subjetividade: Configurações contemporâneas. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 13-31.

RASCOVAN, Sergio Eduardo. Los caminos de la vida. In: KORINFELD, Daniel; LEVY, Daniel; RASCOVAN, Sergio Eduardo. Adolescentes y adultos en la escuela: Puntuaciones de época. Buenos Aires: Paidós, 2016. p. 241-267.

REIS, Juliana Batista dos; DAYRELL, Juarez. Experiências juvenis contemporâneas: Reflexões teóricas e metodológicas sobre socialização e individualização. Revista do Centro de Educação da UFSM, Santa Maria, v. 45, p. 1-23, 2020.

SIBILIA, Paula. O show do eu: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TEIXEIRA, Carmen Lúcia; DICK, Hilário Henrique; SILVA, Lourival Rodrigues da. Juventude – Acompanhamento e construção da autonomia. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

WEISS, Eduardo. Los estudiantes como jóvenes. El proceso de subjetivación. Perfiles Educativos, Ciudad de México, v. 34, n. 135, 2012, pp. 134-148.